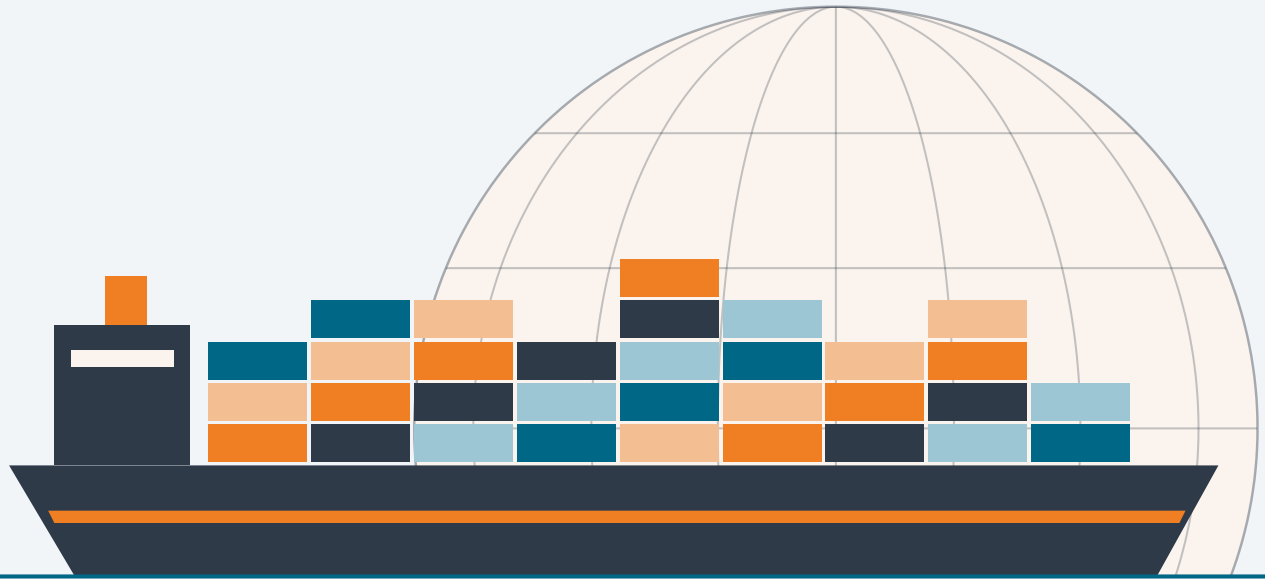
CEBRI 2026

Relações Brasil-ASEAN

Da Parceria Setorial à Parceria de Diálogo: Agenda Estratégica Brasileira

Pre-read do Fórum Brasil–ASEAN · Manila, 15 e 16 de novembro de 2026



Trade Spotlight

Brasil e ASEAN: Pre-read Geopolítico País a País

Este Spotlight é um pre-read para o Fórum Brasil–ASEAN, que o CEBRI realiza em Manila, em 16 de novembro, em parceria com a ApexBrasil. Seu objetivo é dar a quem vai debater oportunidades com a região uma base comum: o que é a ASEAN, como decide, quem são seus onze países, como o Brasil se relaciona com o bloco e com cada um deles, e por onde passam as mercadorias brasileiras até lá.

A Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) reúne onze países, depois da entrada de Timor-Leste em outubro de 2025, e soma 693,2 milhões de habitantes e US$ 4,3 trilhões de PIB (3,6% do mundial), o que a torna a quinta maior economia do mundo e a terceira da Ásia. Não é uma união aduaneira nem um ator supranacional: decide por consenso e negocia seus acordos externos em camadas, ora como bloco, ora país a país.

693,2	US$ 4,3	US$ 4,37	US$ 1,40	US$ 245,7
milhões	trilhões	trilhões	trilhão	bilhões
de habitantes	de PIB	em comércio de bens	em comércio de serviços	de investimento direto estrangeiro (todos de 2025)

O peso político da ASEAN

O peso político da ASEAN vai além do econômico, e o que o sustenta é a capacidade de convocar. Reúne as grandes potências no Fórum Regional e na Cúpula do Leste Asiático, mantém 12 parceiros de diálogo e tem 62 signatários do Tratado de Amizade e Cooperação e 97 embaixadores de fora do bloco acreditados junto a ela, segundo o Secretário-Geral (agosto de 2026). Esse poder de convocação, e não de coerção, sustenta a chamada centralidade da ASEAN: a região é a plataforma em que as potências se encontram, sem que nenhuma a conduza.

Nesse arranjo, nenhum dos 12 parceiros de diálogo é latino-americano. O Brasil é parceiro setorial desde 3 de agosto de 2022 e pediu para subir ao nível de parceiro de diálogo, o que o tornaria o primeiro latino-americano nesse nível.

O espaço do Brasil

O Brasil chega a essa discussão com credenciais concretas. Segundo o chanceler Mauro Vieira, foi o primeiro país latino-americano a aderir ao Tratado de Amizade e Cooperação (2012), em 2024 foi o primeiro parceiro setorial a ter um embaixador dedicado à ASEAN e tem com o bloco 11 áreas prioritárias de cooperação para 2024–2028. O presidente Lula participou da Cúpula de Kuala Lumpur, em 2025, e, em 18 de agosto de 2026, o Secretário-Geral da ASEAN informou que os onze membros aprovaram que o Secretariado faça a avaliação completa do pedido brasileiro.

O potencial é maior que o peso atual: a ASEAN é o quinto maior parceiro comercial do Brasil, mas o Brasil é apenas o 13º da ASEAN. E a mudança de nível tem efeito prático. Os parceiros de diálogo têm um país-membro como coordenador e se reúnem com os chanceleres da ASEAN nas sessões 11+1; os parceiros setoriais, como o Brasil, são coordenados pelo Secretariado e cooperam em áreas específicas (quadro na página 3).

Estrutura e funcionamento da ASEAN: como o bloco decide

A ASEAN funciona em camadas, definidas pela Carta de 2008. No topo, a Cúpula dos chefes de Estado e de governo, órgão máximo de decisão, reúne-se duas vezes por ano e é sediada pelo país que preside o bloco; a presidência troca todo ano, em ordem alfabética (Malásia em 2025, Filipinas em 2026 e Singapura em 2027). Abaixo dela, o Conselho de Coordenação, formado pelos chanceleres, prepara as cúpulas e articula os três Conselhos das Comunidades (Político-Segurança, Econômica e Sociocultural), que supervisionam os órgãos ministeriais setoriais. Em Jacarta, o Comitê de Representantes Permanentes, formado por embaixadores dos membros, apoia esses conselhos, e o Secretariado, chefiado por um Secretário-Geral com mandato de cinco anos, coordena e monitora a implementação.

As decisões saem por consulta e consenso (Artigo 20 da Carta): se o consenso falha, cabe à Cúpula decidir como proceder. A execução fica com os governos nacionais. Em compromissos econômicos, a fórmula "ASEAN menos X" (Artigo 21) permite que um subconjunto de países avance, desde que haja consenso para isso. Camboja, Laos, Mianmar e Vietnã recebem tratamento diferenciado nos acordos externos.

Entre os membros, 99% das linhas tarifárias já têm tarifa zero. Com o resto do mundo, o bloco tem acordos ASEAN+1 (com China, Japão, Coreia do Sul, Índia, Austrália, Nova Zelândia e Hong Kong) e a Parceria Econômica Regional Abrangente (RCEP), enquanto Estados Unidos e União Europeia negociam país a país. Na prática, quem negocia com a ASEAN precisa decidir, a cada tema, se o interlocutor é o bloco ou um país.

- **Onde age em bloco.** No comércio entre os membros e em temas de interesse comum, como o acordo-quadro de economia digital (DEFA), cuja negociação foi concluída e cuja assinatura está prevista para a Cúpula de novembro. Diante das tarifas americanas de 2025, a ASEAN rejeitou medidas unilaterais e evitou retaliações.
- **Onde não age.** Em segurança e política externa. No Mar do Sul da China, Brunei, Malásia, Filipinas e Vietnã reivindicam áreas, e Camboja e Laos são mais próximos de Pequim; em Mianmar, a crise política opõe a não interferência à busca de estabilidade.

Quadro 1 – Os tipos de parceria da ASEAN

Nível	Parceiros	Como funciona	Quem
Parceiro de diálogo	12	Coordenado por um país-membro da ASEAN; reuniões regulares com os chanceleres (sessões 11+1). No nível mais alto, a Parceria Estratégica Abrangente, como a de China (2021) e Estados Unidos (2022)	Austrália, Canadá, China, União Europeia, Índia, Japão, Coreia do Sul, Nova Zelândia, Rússia, Reino Unido, Estados Unidos e Türkiye
Parceiro setorial	10	Coordenado pelo Secretariado da ASEAN; cooperação em áreas específicas	Brasil (desde 03/08/2022), Dinamarca, Alemanha, Catar, Marrocos, Noruega, Paquistão, África do Sul, Suíça e Emirados Árabes Unidos
Parceiro de desenvolvimento	5	Coordenado pelo Secretariado da ASEAN; cooperação para o desenvolvimento	Chile, França, Itália, Países Baixos e Peru

Fonte: Secretariado da ASEAN, atualizada com a elevação da Türkiye a parceiro de diálogo e a entrada de Alemanha e Catar como parceiros setoriais (julho de 2026).

Os onze países da ASEAN, 2025

Seis economias (Indonésia, Singapura, Tailândia, Vietnã, Filipinas e Malásia) respondem por 96,1% do PIB regional. Cada uma das onze tem um papel diferente na geopolítica da região e na relação com o Brasil.

Os 11 países da ASEAN, 2025

Indonésia

PIB (US$ bi)	PIB per capita (US$ mil)	Crescimento do PIB (%)	População (milhões)
1.436,6	5,1	5,1	284,4

Maior economia da região. O interlocutor é o Estado: o fundo soberano Danantara, criado em 2025, consolida o controle das estatais. Assinou acordo comercial com os Estados Unidos em 19 de fevereiro de 2026 e com a União Europeia em 2025. O Brasil exportou US$ 4,1 bilhões em 2025 (−7,4%).

Singapura

PIB (US$ bi)	PIB per capita (US$ mil)	Crescimento do PIB (%)	População (milhões)
614,9	100,6	5,0	6,1

Cidade-Estado de mercado aberto, com Estado acionista e planejador (Temasek, GIC). Principal hub logístico e financeiro da região, captou cerca de 61% do investimento direto estrangeiro da ASEAN. É o único país da região com acordo com o Mercosul, em vigor desde agosto de 2026. O Brasil exportou US$ 7,4 bilhões em 2025 (−6,6%).

Tailândia

PIB (US$ bi)	PIB per capita (US$ mil)	Crescimento do PIB (%)	População (milhões)
610,7	8,7	2,4	70,4

Menor crescimento entre as seis maiores economias. Conglomerados familiares (CP, Central) dominam a economia. Tem marco de entendimento com os Estados Unidos e negocia com a União Europeia, com meta para 2027. O Brasil exportou US$ 3,1 bilhões em 2025 (−9,6%).

Vietnã

PIB (US$ bi)	PIB per capita (US$ mil)	Crescimento do PIB (%)	População (milhões)
493,4	4,8	8,0	102,1

Maior crescimento da região. O Partido Comunista conduz a estratégia, e estatais dominam energia, petróleo e telecomunicações. Tem acordo em vigor com a União Europeia, marco de entendimento com os Estados Unidos e uma investigação americana sobre propriedade intelectual. O Brasil exportou US$ 3,8 bilhões em 2025 (−7,3%).

Filipinas

PIB (US$ bi)	PIB per capita (US$ mil)	Crescimento do PIB (%)	População (milhões)
486,7	4,3	4,4	113,9

Presidem a ASEAN em 2026 e sediam a 49ª Cúpula. Pagam 12,5% na Seção 301 e negociam com a União Europeia. Carnes são 67% das exportações brasileiras ao país, que somaram US$ 2,4 bilhões em 2025 (+11,5%), o único crescimento entre os seis principais mercados.

Malásia

PIB (US$ bi)	PIB per capita (US$ mil)	Crescimento do PIB (%)	População (milhões)
446,8	13,1	5,2	34,2

Tem acordo de comércio recíproco com os Estados Unidos (outubro de 2025) e negocia com a União Europeia. As importações totais da Malásia subiram 30,5% em 2025, para US$ 391,5 bilhões, enquanto as exportações do Brasil ao país caíram 18,0%, para US$ 3,5 bilhões.

Mianmar

PIB (US$ bi)	PIB per capita (US$ mil)	Crescimento do PIB (%)	População (milhões)
82,5	1,5	3,6	54,9

Atravessa uma crise política sob o comando de uma junta militar, que põe à prova a não interferência da ASEAN. O Brasil exportou US$ 39 milhões em 2025 e, em janeiro–setembro de 2026, US$ 355 milhões, quase todo em petróleo bruto.

Camboja

PIB (US$ bi)	PIB per capita (US$ mil)	Crescimento do PIB (%)	População (milhões)
49,3	2,8	5,3	17,6

Tem tratamento diferenciado nos acordos externos (como Laos, Mianmar e Vietnã), é próximo de Pequim e assinou acordo de comércio recíproco com os Estados Unidos em outubro de 2025. O Brasil exportou US$ 35 milhões em 2025.

Laos

PIB (US$ bi)	PIB per capita (US$ mil)	Crescimento do PIB (%)	População (milhões)
16,9	2,2	4,8	7,7

Sem litoral, é próximo de Pequim e se conecta à China pela ferrovia China–Laos. O Brasil exportou US$ 22 milhões em 2025.

Brunei

PIB (US$ bi)	PIB per capita (US$ mil)	Crescimento do PIB (%)	População (milhões)
15,5	33,8	1,0	0,5

Segundo maior PIB per capita da região e um dos países com reivindicações no Mar do Sul da China. As exportações brasileiras são mínimas: US$ 0,9 milhão em 2025.

Timor-Leste

PIB (US$ bi)	PIB per capita (US$ mil)	Crescimento do PIB (%)	População (milhões)
2,1	1,4	3,8	1,4

O 11º membro, admitido em outubro de 2025, é a menor economia do bloco e um país lusófono, o que o aproxima do Brasil.

Fonte: ASEAN Statistical Highlights 2026 (ASH 2026; dados de 2025, PIB preliminar de julho de 2026) e ComexStat/MDIC. O ComexStat não traz Timor-Leste entre os países do bloco.

Relações Brasil–ASEAN: queda em 2025, retomada em 2026

O comércio de bens entre o Brasil e a ASEAN passou de US$ 15,1 bilhões em 2016 para US$ 38,4 bilhões em 2025, 2,5 vezes mais. As exportações brasileiras cresceram a cada ano de 2017 a 2024, de US$ 9,1 bilhões (2016) para US$ 26,4 bilhões, e as importações de US$ 6,0 bilhões para US$ 14,1 bilhões em 2025.

Tabela 1 – Comércio de bens do Brasil com a ASEAN, 2016–2025 (US$ bilhões)

Ano	Exportações	Importações	Corrente de comércio	Saldo
2016	9,09	6,00	15,09	**3,09**
2017	10,21	7,62	17,83	**2,59**
2018	10,36	8,01	18,37	**2,35**
2019	11,85	8,94	20,79	**2,91**
2020	14,18	7,28	21,46	**6,91**
2021	19,33	9,54	28,87	**9,79**
2022	23,90	9,96	33,86	**13,95**
2023	24,39	9,27	33,66	**15,13**
2024	26,36	10,84	37,20	**15,53**
2025	**24,37**	**14,06**	**38,43**	**10,32**

Fonte: ComexStat/MDIC, extração de 06/11/2026 (bloco ASEAN, 10 países).

Seis dos onze membros (Singapura, Indonésia, Vietnã, Malásia, Tailândia e Filipinas) concentram 99,6% das exportações brasileiras à região e são tratados aqui como os seis principais mercados.

Em 2025, o Brasil exportou US$ 24,4 bilhões à ASEAN, 7,6% menos que em 2024, a primeira queda da série, e importou US$ 14,1 bilhões, 29,7% mais; o saldo caiu de US$ 15,5 bilhões para US$ 10,3 bilhões. As exportações recuaram em cinco dos seis principais mercados, com a maior queda na Malásia (−18,0%), e só cresceram para as Filipinas (+11,5%). A alta das importações vem sobretudo de Singapura (de US$ 0,8 bilhão para US$ 3,3 bilhões); por isso o comércio com Singapura cresceu 22,7%, para US$ 10,7 bilhões, o maior da região, mesmo com a queda de 6,6% nas exportações brasileiras.

Em janeiro–setembro de 2026, o quadro se inverte em parte. As exportações somaram US$ 18,39 bilhões, 5,8% mais que no mesmo período de 2025, e as importações caíram 11,6%, para US$ 9,95 bilhões, o que leva o saldo a US$ 8,4 bilhões (US$ 6,1 bilhões um ano antes). A recuperação é desigual: Vietnã (+14,1%), Singapura (+12,1%), Filipinas (+5,5%), Tailândia (+3,5%) e Indonésia (+2,2%) crescem, e a Malásia cai 21,9%, a exceção entre os seis. Mianmar distorce o total: as exportações brasileiras ao país passaram de US$ 24 milhões para US$ 355 milhões, quase todo em petróleo bruto (US$ 344 milhões, ante zero em 2025). Sem Mianmar, a alta das exportações à região seria de 3,9%.

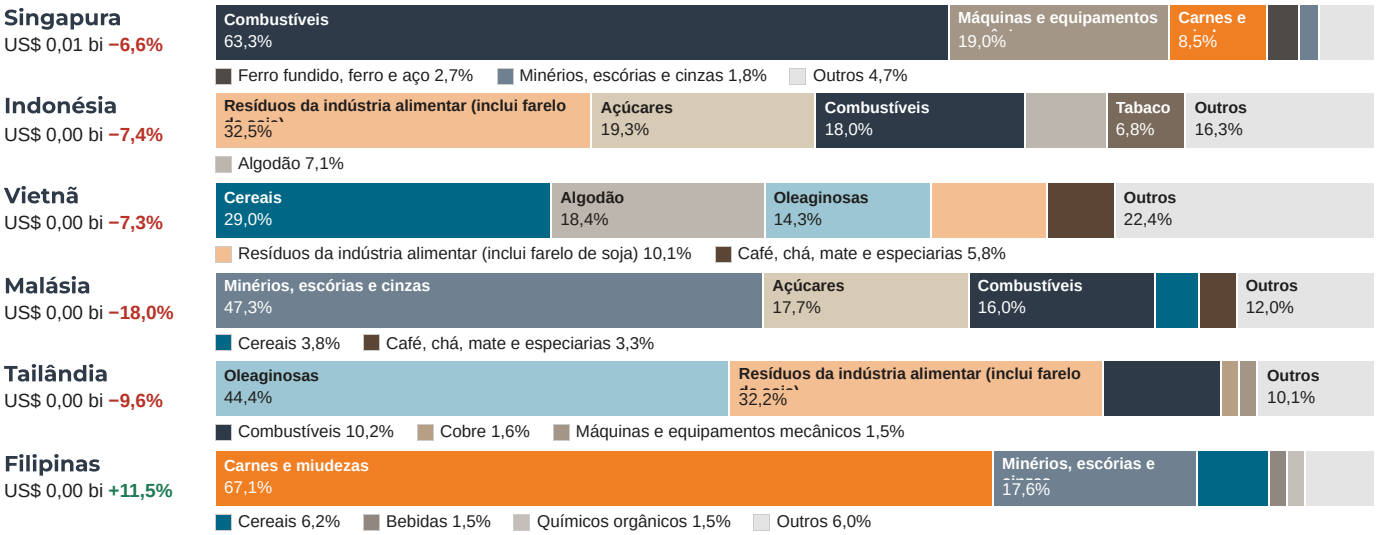
Mesmo recuperada, a ASEAN pesa 6,46% das exportações brasileiras do período (6,74% um ano antes), porque as exportações totais cresceram mais (+10,4%). No período, ela já importa mais do Brasil que o Mercosul (US$ 17,48 bilhões, −10,4%), mas equivale a 41,6% das importações da União Europeia (US$ 44,17 bilhões) e a 21,7% das da China (US$ 84,68 bilhões). A ultrapassagem do Mercosul é recente: em 2025 inteiro, o Mercosul ainda importou mais (US$ 25,65 bilhões, contra US$ 24,37 bilhões).

Concentração: o que o Brasil exporta

O problema não é só o tamanho, mas a concentração. Em cada um dos seis mercados, cinco capítulos do SH respondem por 78% a 95% das exportações brasileiras, e o Brasil fornece entre 0,8% (Vietnã) e 1,7% (Indonésia) do que cada um importa, ou 1,2% do conjunto, que soma US$ 2,08 trilhões.

Uma frente que se abre é a carne bovina. Com China e União Europeia restringindo o acesso ao produto brasileiro, as exportações à Indonésia cresceram 69,6% em janeiro–setembro de 2026, para US$ 129,0 milhões, com 21 novos frigoríficos habilitados (de 52 para 73), e as exportações ao Vietnã chegaram a US$ 37,0 milhões, ante US$ 2,4 milhões no mesmo período de 2025. Na Tailândia, o movimento é oposto: as exportações de carne bovina caíram de US$ 7,6 milhões em 2024 para US$ 0,05 milhão em 2025.

Gráfico 2 – Exportações do Brasil aos seis principais mercados da ASEAN, 2025, por capítulo do SH



Combustíveis para a Indonésia: US$ 744 milhões em 2025 e praticamente zero em 2024, por isso sem variação calculada.

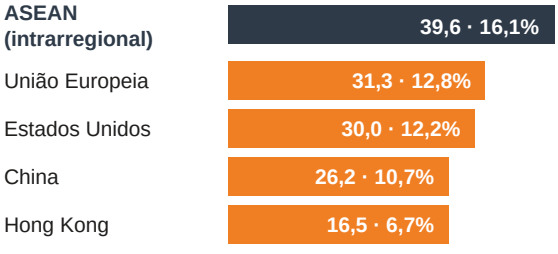
Fonte: ComexStat/MDIC, extração de 03/11/2026. Os valores de jan–set comparam o mesmo período dos dois anos.

Acordos e preferências: o Brasil frente aos concorrentes

Parte do problema está nas preferências. Os exportadores de China, Japão, Coreia do Sul, Índia, Austrália e Nova Zelândia, concorrentes do Brasil, vendem à ASEAN sob acordos ASEAN+1, e europeus e canadenses avançam. O Canadá tem conclusão substancial como meta para 2026. A União Europeia negocia por blocos de construção: tem acordos em vigor com Singapura e Vietnã, um acordo assinado com a Indonésia em 2025 e negociações com Tailândia, Filipinas e Malásia, com meta até 2027. O comércio de bens entre UE e ASEAN foi de US$ 318,8 bilhões em 2025 (US$ 292,9 bilhões em 2024).

O Brasil só tem preferências em Singapura, pelo acordo do Mercosul em vigor desde agosto de 2026. Como os acordos comerciais são conduzidos pelo Mercosul, a via bilateral clássica não está aberta ao país.

Gráfico 1 – Origem do IDE na ASEAN, 2025 (US$ bilhões)



Fonte: ASH 2026.

Serviços na ASEAN, 2025

Os serviços valem cerca de um terço do comércio de bens, mas recebem 80,4% do investimento e se concentram em Singapura. O comércio de serviços somou **US$ 1,40 trilhão** em 2025 (32,9% do PIB): exportações de **US$ 725,2 bilhões** (+7,9% sobre 2024) e importações de **US$ 676,5 bilhões** (+7,1%). Singapura responde por 58% das exportações da região, e as categorias líderes são outros serviços empresariais (27,3%), transporte (23,6%) e viagens (20,2%). No comércio com os Estados Unidos, os serviços somam US$ 106,2 bilhões, com superávit americano de US$ 29,8 bilhões.

Fontes: ASH 2026 (serviços e IDE); USTR (comércio de serviços com os Estados Unidos).

A ASEAN e as grandes potências: China e Estados Unidos

Os membros evitam escolher um lado, e os números mostram por quê: a região importa da China e exporta aos Estados Unidos. Em 2025, o comércio de bens da ASEAN somou US$ 4,37 trilhões (+13,7% sobre 2024), o equivalente a 102,7% do PIB regional. Cinco destinos recebem 67,5% das exportações: o próprio bloco (21,4%), os Estados Unidos (17,9%), a China (13,8%), a União Europeia (8,5%) e Hong Kong (6,0%). O comércio com o resto do mundo cresceu 15,1%, mais que o intrabloco (+8,5%), de modo que o crescimento veio mais de fora do que de dentro.

A ASEAN com a China e com os Estados Unidos, 2025

China

Parceria com a ASEAN	**Parceria Estratégica Abrangente desde 22/11/2021**
Comércio de bens (US$ bi)	**913,1** (772,6 em 2024)
Exportações da ASEAN (US$ bi)	**306,2**
Importações da ASEAN (US$ bi)	**607,0**
Saldo da ASEAN (US$ bi)	**−300,8** (−189,9 em 2024)
Parcela nas importações da ASEAN	**28,3%** (25,4% em 2024)
Parcela nas exportações da ASEAN	**13,8%** (14,9% em 2024)
Investimento direto na ASEAN (US$ bi)	**26,2** (10,7% do total)

Estados Unidos

Parceria com a ASEAN	**Parceria Estratégica Abrangente desde 12/11/2022**
Comércio de bens (US$ bi)	**550,5** (453,2 em 2024)
Exportações da ASEAN (US$ bi)	**398,5**
Importações da ASEAN (US$ bi)	**152,0**
Saldo da ASEAN (US$ bi)	**+246,6** (+171,6 em 2024)
Parcela nas importações da ASEAN	**7,1%** (7,4% em 2024)
Parcela nas exportações da ASEAN	**17,9%** (16,0% em 2024)
Investimento direto na ASEAN (US$ bi)	**30,0** (12,2% do total)

Fonte: ASEANstats (IMTS, dados de julho de 2026) e ASH 2026.

Tabela 2 – Cinco principais produtos do comércio da ASEAN com a China e com os Estados Unidos, 2025 (capítulos do SH)

Exportações da ASEAN para a China (total de US$ 306,2 bilhões)

Capítulo do SH	US$ bi	% do total
85 Máquinas e equipamentos elétricos	**85,2**	**27,8**
84 Máquinas e equipamentos mecânicos	36,9	12,1
27 Combustíveis minerais	23,2	7,6
72 Ferro e aço	17,0	5,6
08 Frutas e nozes	13,2	4,3

Importações da ASEAN da China (total de US$ 607,0 bilhões)

Capítulo do SH	US$ bi	% do total
85 Máquinas e equipamentos elétricos	**211,3**	**34,8**
84 Máquinas e equipamentos mecânicos	98,8	16,3
39 Plásticos e suas obras	27,5	4,5
72 Ferro e aço	22,8	3,8
87 Veículos, exceto ferroviários	21,8	3,6

Exportações da ASEAN para os Estados Unidos (total de US$ 398,5 bilhões)

Capítulo do SH	US$ bi	% do total
85 Máquinas e equipamentos elétricos	**137,2**	**34,4**
84 Máquinas e equipamentos mecânicos	84,0	21,1
94 Móveis e colchões	18,7	4,7
61 Vestuário de malha	17,1	4,3
90 Instrumentos ópticos e médicos	14,5	3,6

Importações da ASEAN dos Estados Unidos (total de US$ 152,0 bilhões)

Capítulo do SH	US$ bi	% do total
84 Máquinas e equipamentos mecânicos	**41,7**	**27,4**
85 Máquinas e equipamentos elétricos	28,2	18,6
27 Combustíveis minerais	15,7	10,3
88 Aeronaves e partes	9,9	6,5
90 Instrumentos ópticos e médicos	8,2	5,4

Fonte: ASEANstats (IMTS, dados de julho de 2026). Valores de comércio reportados pela ASEAN.

- **China.** Parceira de diálogo da ASEAN, é desde 22 de novembro de 2021 parceira estratégica abrangente, o nível mais alto de relação. A versão 3.0 do acordo de livre comércio ASEAN–China foi assinada em 28 de outubro de 2025, e a reunião de ministros da economia de 21 de setembro de 2026 saudou o avanço da ratificação.
- **Estados Unidos.** Parceiros estratégicos desde 2015, passaram à Parceria Estratégica Abrangente em 12 de novembro de 2022. As tarifas, porém, são negociadas país a país: Malásia e Camboja assinaram acordos de comércio recíproco em outubro de 2025, Tailândia e Vietnã firmaram marcos de entendimento e a Indonésia assinou o seu em 19 de fevereiro de 2026. O comércio de bens e serviços somou US$ 686,0 bilhões em 2025 (+20,3% sobre 2024), e o déficit americano em bens chegou a US$ 327,4 bilhões (+44,0%), segundo o USTR; as estatísticas da ASEAN, em outra base, registram saldo de US$ 246,6 bilhões a favor da região. Depois que a Suprema Corte invalidou, em 20 de fevereiro de 2026, as tarifas fundadas em poderes de emergência, e de uma sobretaxa global temporária de 10% até 24 de julho, valem as tarifas da Seção 301 da lei comercial americana, aplicadas a 60 economias investigadas por não proibir a importação de bens feitos com trabalho forçado. Pagam 10% as que proíbem ou se comprometeram a proibir (entre elas Camboja, Indonésia e Malásia) e 12,5% as demais (entre elas Filipinas, Singapura, Tailândia e Vietnã).

A região, portanto, negocia com os dois ao mesmo tempo, mas em níveis diferentes: com a China, como bloco; com os Estados Unidos, país a país.

Logística e contexto geopolítico: as rotas até a ASEAN

A rota padrão dos produtos brasileiros parte dos portos do Sudeste e do Sul (Santos, Paranaguá e Vitória), do Nordeste (Suape, Pecém e Salvador) e do Norte (Itaqui), cruza o Atlântico Sul rumo ao Cabo da Boa Esperança e entra pelo Índico, pelo estreito de Malaca ou, no caso da Indonésia, pelos estreitos do arquipélago. A Argus estima cerca de 55 dias de Santos a grandes portos asiáticos, tanto pelo Cabo quanto pelo Canal do Panamá.

O estreito de Malaca concentra o centro de gravidade logístico da região, e isso é também o seu principal risco. No primeiro semestre de 2025, passaram por ele 23,2 milhões de barris por dia de petróleo, cerca de 29% do fluxo marítimo mundial, segundo a Agência Internacional de Energia dos EUA (EIA), e 9,2 bilhões de pés cúbicos por dia de gás natural liquefeito; Singapura movimentou 44,66 milhões de TEUs em 2025. As alternativas são limitadas: o estreito de Sunda serve a contingências e a navios menores, e o de Lombok, mais fundo, acrescenta cerca de 7 a 8 dias e US$ 472 mil por viagem, estimativa de mercado e não oficial.

O contexto geopolítico pesa nas rotas. O Mar do Sul da China, para onde segue boa parte das cargas que entram por Malaca, é a rota mais exposta: disputas territoriais e tensões entre a China e seus vizinhos afetam seguros, planejamento de rotas e continuidade operacional. Em 2026, o risco no Mar Vermelho e em Ormuz mantém o Cabo como rota dominante nos serviços Ásia–Europa, o que tende a pressionar capacidade e fretes também nas rotas do Atlântico Sul para a Ásia. A ASEAN defende a livre navegação, conforme a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, mas não garante proteção contra bloqueios pontuais.

- **Singapura.** Principal hub de transbordo da região, operado sobretudo pela PSA. Concentra a entrada pelo estreito de Malaca e é o principal destino dos combustíveis brasileiros na região.
- **Indonésia.** Os portos de Jacarta, Surabaia, Belawan, Dumai e Batam são atendidos por Malaca ou pelos estreitos de Sunda e Lombok, e a estatal Pelindo administra boa parte deles.
- **Vietnã.** Cai Mep–Thi Vai, no sul, está entre os portos relevantes do país.
- **Malásia.** Port Klang (15,14 milhões de TEUs em 2025) e Tanjung Pelepas (14,02 milhões) disputam o transbordo com Singapura. A ferrovia ECRL, que liga as costas leste e oeste, pode reduzir a dependência da rota marítima em torno de Singapura.
- **Tailândia.** Laem Chabang está entre os portos relevantes do país, e os ramais da ferrovia China–Laos para a Tailândia e a Malásia abrem uma alternativa terrestre parcial.
- **Filipinas.** Manila e o norte de Luzon movimentaram 2,96 milhões de TEUs em 2025 (dado parcial da Autoridade Portuária das Filipinas), mas congestionamento e baixa conectividade limitam os portos do país.

Laos, Camboja e Mianmar dependem sobretudo dos corredores terrestres do Grande Mekong. No Brasil, três iniciativas buscam encurtar a distância: a missão de Suape a Singapura, Malásia e Indonésia, em fevereiro de 2026; o serviço do Pecém para a China, com escalas que incluem Singapura e meta de 30 dias de trânsito; e a parceria da COSCO Shipping Specialized Carriers com portos brasileiros, incluindo um hub em Vitória (2025). Para a carne, a logística de frio e as habilitações sanitárias pesam mais, e o Relatório de Investimento da ASEAN indica a cadeia de frio agroalimentar como prioridade de investimento na região.

Principais destaques

1 **Onze mercados, não um bloco:** a ASEAN decide por consenso, e cada membro executa e negocia por si. Os Estados Unidos negociaram um a um, e a Seção 301 cobra 10% ou 12,5% conforme o país; a China, ao contrário, trata com o bloco, e o comércio de bens entre as partes chegou a US$ 913,1 bilhões em 2025.

2 **A relação do Brasil cresce, oscila e quer subir de nível:** o comércio chegou a US$ 38,4 bilhões em 2025, 2,5 vezes o de 2016, mas as exportações caíram 7,6% em 2025 e subiram 5,8% em janeiro–setembro de 2026 (3,9% sem Mianmar). Parceiro setorial desde 2022, o Brasil pediu para ser parceiro de diálogo, e o pedido está em avaliação pelo Secretariado.

3 **A logística pesa no prazo e no risco:** a Argus estima cerca de 55 dias de Santos até grandes portos asiáticos. O estreito de Malaca e o hub de Singapura concentram energia, manufatura e contêineres, e o Fórum de Manila vai debater rotas, riscos e oportunidades.

O Fórum Brasil–ASEAN em Manila

O Fórum Brasil–ASEAN é um encontro restrito, realizado por convite, que reúne até 40 participantes ao longo de dois dias, em 15 e 16 de novembro de 2026, em Manila, nas Filipinas. Organizado pela ApexBrasil, em parceria com o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), o evento acontece à margem da Cúpula da ASEAN e do ASEAN Business and Investment Summit, em um momento de aproximação entre o Brasil e os países do Sudeste Asiático.

O encontro busca aprofundar o conhecimento brasileiro sobre a ASEAN e seus mercados, identificar oportunidades de comércio e investimento, mapear desafios logísticos, regulatórios e geopolíticos e contribuir para a definição das prioridades de atuação da ApexBrasil na região em 2027.

A iniciativa combina uma discussão sobre o posicionamento estratégico da ASEAN na atual ordem internacional com debates específicos sobre Indonésia, Malásia, Singapura, Tailândia e Vietnã. O foco está nas oportunidades e nos desafios de cada mercado, considerando as complementaridades econômicas, o potencial de expansão das relações comerciais e de investimento e as possibilidades de aproximação entre empresas e instituições brasileiras e seus parceiros na região.

FICHA TÉCNICA

Pesquisa e redação
Maria Fernanda Ferreira, Julia Soares e Lucas Gribel

Coordenação editorial
Manoel Corrêa do Lago, Fernanda Cimini e Laís Ramalho

Centro Brasileiro de Relações Internacionais

Rua Marquês de São Vicente, 389
Gávea - Rio de Janeiro – RJ - Brasil
22451-044

Tel: +55 (21) 2206-4400

cebri@cebri.org.br

www.cebri.org